

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

**ADORÁVEIS
CANALHAS**

uma comédia de maus costumes
de José Luiz Ribeiro



CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO

40 anos de teatro para o povo
apresenta

**ADORÁVEIS
CANALHAS**
uma comédia de maus costumes
De José Luiz Ribeiro

Forum da Cultura
outubro - novembro
2006

Comédia de (maus) costumes

Márcia Falabella

Entre todos os aprendizados do homem, tentando a cada momento se relacionar com o mundo a sua volta, a gente se pergunta quando ele começou a rir. Quando o riso, produto da inteligência, fez do ser humano o único animal que ri? Quando o homem aprendeu a exercitar essa capacidade de perceber o ridículo no entorno, essa descarga psíquica que usa todo o corpo, que sacode num balanço ritmado, embalado por sonoridades individuais? Quando o homem aprendeu que o riso é o melhor remédio para encarar a aspereza do dia-a-dia?

A arte teatral, em seu diálogo incessante com a realidade, trouxe a comédia para sua arena, ainda em sua origem, pois ela surge ao lado da tragédia. Mas essa celebração do riso carregou em toda a sua trajetória a aura de um gênero menor, por seu caráter popular. Em cena, não mais reis e governantes da alta classe, mas pessoas comuns, com seus problemas cotidianos que conquistavam uma identificação direta da platéia. Não mais o linguajar poético e elevado, mas o falar corriqueiro das ruas.

Com uma multiplicidade de desdobramentos cênicos, o cômico possui várias vertentes: a comédia de costumes, a de caráter, a burlesca, a de idéias, a de intrigas, a de situação, a lacrimajante e tantas outras que fazem dele um exercício sempre difícil para o artista. O comediante precisa encontrar o tempo certo da cada fala e o gesto perfeito capaz de traduzir a piada e provocar a reação instantânea da platéia. Engana-se quem pensa que provocar o riso é tarefa fácil.

O teatro brasileiro sempre definiu um forte vínculo com a comédia. Desde Anchieta, passando por Martins Pena, Artur de Azevedo, França Júnior e todos os nossos principais dramaturgos contemporâneos, a comicidade sempre esteve presente em nossos palcos, criando inclusive um conjunto de obras classificadas como *besteiral*. É inegável que o riso é parte fundamental da nossa identidade. Nelson Rodrigues afirmava que somos o único povo que

faz piada.

Na trajetória do Divulgação, a comédia também cumpre um papel relevante. Em primeiro lugar, por seu aspecto crítico, pela possibilidade de revelar as feridas sociais e políticas através de um apelo à razão, que é onde o riso toca, permitindo a prática de um teatro ideológico. Por outro lado, pelo caráter evidentemente popular da comédia e por sua possibilidade de traçar uma identificação direta com o público que reconhece e assimila de imediato a mensagem cênica.

Com *Adoráveis Canalhas*, mais uma vez, o grupo traz ao palco do Forum da Cultura um texto de José Luiz Ribeiro e uma comédia de costumes, que o próprio autor define como *maus* costumes. Esse tipo de comédia possui uma linguagem semelhante à da telenovela, por conta da proximidade com o naturalismo e o realismo, revelando sempre um estudo do comportamento humano, radiografando as ações sociais.

“Maus costumes” é uma resposta ao tempo em que vivemos, uma sociedade da barbárie, em que experimentamos a falência do respeito e a ausência dos limites. O homem matou Deus, deixou de amar o próximo e eliminou a família. Essa peça representa o nosso grito contra essa sociedade do terror. E quem são os terroristas? Quem são esses adoráveis canalhas que fazem parte das nossas vidas e não são apenas personagens que aparecem nas manchetes de jornais? São pessoas comuns que tornaram as relações cada vez mais líquidas e insólitas.

O homem se transformou num ser egoísta e está cada vez mais solitário em seu suplício de tentar vencer cada dia e conquistar um espaço na sociedade. É preciso sair desse estado catatônico de aceitação muda e modificar esse cenário catastrófico que nos rodeia, juntar os cacos dessas ruínas e edificar um novo templo, um novo tempo. Se o riso é comunicativo, pois necessita do outro para compactuar o objeto de crítica e criar a cumplicidade, o teatro agora vem propor, através dessa comédia, um momento de comunicação, comunhão entre os espectadores, mostrando que é possível reencontrar o homem que há no homem.

Adorável realidade cíclica

Gustavo Burla

É importante para o teatro ser compreendido pelo público que o assiste, por isso conta histórias que motivem identificação da platéia. Quando o público vê seu cotidiano no palco isso chega aos píncaros do reconhecimento, pois a realidade está ali, representada no palco, tal qual se mostra nos lugares privados e públicos do dia-a-dia. Por isso chamamos esse teatro de realista, já que tudo o que ele apresenta é real... Não, não é bem assim.

Quando o mundo da vida surge idêntico no palco, o mundo da cena ganha a denominação de naturalista, com semelhanças detalhadas que vão dos elementos do cenário ao detalhe da maquiagem. É como se o palco italiano nada mais fosse do que o cômodo de uma casa ou um estabelecimento comercial com tudo o que ele tem direito, pronto para funcionar, apenas instalado dentro de um teatro.

A montagem realista apresenta ao público os lugares do mundo real, mas sugere algumas coisas que não mostra, teatralizando determinados elementos e significando-os mais. A esta estética podem ser acrescentadas modificações na luz ou na cor, na disposição do cenário ou em elementos do figurino, chegando à beira do fantástico e, talvez por isso, mostrando o absurdo do cotidiano.

Basta procurar pelas lojas de móveis para que se depare com inúmeros modelos de mesas diferentes, com vidro, metal, cores e formas as mais distintas, mas quase todas angulosas, quadradas e retangulares, poucas ovais, raras redondas. Cada pessoa quer seu canto, de preferência na cabeceira, na sociedade contemporânea,

individualista e restrita, com pessoas nas pontas distantes de todas as outras, outras no meio apertadas pelos que a ladeam.

Na tábola redonda impera Andradinha, o patriarca de uma família que ainda trabalha sua viuvez, guardada pelo espírito reto e agregador do pai. Ao redor da mesa todos se sentam em iguais condições, diante da mesma comida, no mesmo horário e com a mesma atenção. Isso pregava o pai; o pai morto.

A mesa continua lá, no centro, elevada ao nível em que deveria viver a família, mas de onde ela parece desmoronar. Ainda em torno da mesa as coisas acontecem, os problemas surgem, as verdades vêm à tona. A circularidade harmônica do ninho familiar torna-se uma queda de braços entre as ideologias do filho perante o pragmatismo da irmã, empurrando de um lado para outro uma mãe que acredita em um mundo melhor.

Altar para a confissão dos pecados, é da mesa que tudo parte e para ela tudo retorna, pois a família ali dialoga, para o bem e para o mal. Quando surge o elemento desagregador, um empecilho ao diálogo, a mesa é abandonada, seja pela visita de uma colega, quando todos se dirigem para o prosclênio, ou nos percalços das repartições públicas, quando impera o monólogo da cada um preocupado com sua própria satisfação.

Na mesa a família busca a solução dos problemas, na mesa redonda. Só que, como uma roda, o mundo só segue um rumo quando todos empurram para o mesmo lado. Por mais diferentes que sejam as pessoas e seus modos de agir e pensar, a busca por um propósito comum desencadeia bons resultados. No convívio de individualidades egoístas e egocêntricas, tende-se ao fracasso. A roda não gira. A mesa fica quadrada.

A hora da espera

Basileu Rodrigo Tavares

São vinte horas, é hora de abrir o salão. Em menos de trinta minutos todo o trabalho de dois meses do Grupo Divulgação será submetido ao julgamento do público.

É nesse momento que lembramos de como a peça saiu do papel e veio para o palco. A busca por um texto que chegasse ao público, que levasse, acima de tudo, uma mensagem. Uma peça que dialogasse constantemente com sua realidade, seu tempo e seu espaço. As primeiras leituras, a aflição por saber o que iria acontecer na próxima página, a surpresa com o final. Os papéis trocados até que alguém se encaixasse perfeitamente no personagem. O longo caminho entre o primeiro contato, passando pelos ensaios diários e chegando à busca do aprimoramento junto ao público.

Primeiro sinal. Hora de rezar. Todos os atores se colocam no palco, em forma circular, dão-se as mãos e rezam. Juntos, mantêm a imprescindível cultura de grupo, sem a qual seria difícil manter um grupo voluntário de teatro. Não importa a ideologia, a religião, o credo. O que vale é a energia que se passa entre as mãos, unidas, formando uma corrente. Na oração jogamos nossas tensões e invocamos o auxílio de Deus, de todos os deuses do teatro, de grandes atores e dramaturgos.

Do lado de fora do palco, os técnicos se juntam à equipe de apoio e acompanham as pessoas aos seus lugares, previamente reservados. Pequenas desavenças são contornadas. O corredor se

enche, as pessoas querem assegurar o seu lugar. Mas com calma e astúcia cada um vai sendo acomodando.

Segundo sinal. Todos em seus lugares. O coração começa a bater mais forte, mais acelerado. Vêm à cabeça as lembranças dos fins de semana de produção. A confecção dos figurinos. A árdua construção do cenário, as madeiras serradas, os pregos batidos, a mão suja de tinta. O posicionamento da iluminação, a subida em escadas, as manhãs testando spots, as tomadas trocadas. A escolha da trilha sonora, a pesquisa pela música que melhor se encaixe com a peça. O pão com salame nosso de cada dia que nos alimentava.

Assim como o coração dos atores, a chegada do público acelera, o horário de reservas se encerra e quem ficou de pé sobe as escadas do teatro correndo, assentando-se nas poucas últimas poltronas vazias que restaram. Mesmo com cadeiras extras perto do palco, alguns espectadores vão ter de ficar na escada. Porém, não faz mal. O que importa é estar ali, assistir a mais uma estréia desse grupo de 40 anos de história ininterruptos.

Soa a ficha técnica. O iluminotécnico apaga as luzes laterais do teatro e a platéia escuta atenta. Os atores escutam seus nomes e se preparam para entrar em cena. Os técnicos se desejam merda na cabine e se posicionam para entrar em ação. Com a célebre frase de Garcia Lorca e lema do Divulgação, “Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”, a ficha sonora chega ao fim e o silêncio paira.

Terceiro sinal. Tudo pronto. No escuro surgem as luzes do teatro, que vêm para difundir idéias e saberes, para de maneira transformadora atuar na comunidade. O espetáculo vai começar.

Por que nos sangra o coração?

Táscia Souza

Não existe obra alijada de certas condições que a tornem possível: não há tragédia grega ou epopéia medieval sem que haja também um contexto social propício ao seu surgimento, além de alguém cujo olhar, ao contemplar a nudez do real, pinte-o com cores mais amenas ou mais fortes, dependendo do que se quer dizer *a respeito e para* aquela própria sociedade.

A “dramaturgia de emergência” de José Luiz Ribeiro colore com essas diversas nuances e tons a realidade brasileira. Emergência por vários motivos: porque, nas discussões sobre “o que queremos dizer à nossa aldeia”, nem sempre o grupo encontra ecos de seu tempo em textos e autores de outras épocas; porque, por motivos mais práticos, é preciso pensar nas possibilidades que o elenco oferece e na potencial recepção do público; e porque, em momentos como este, quando a desilusão vence a esperança, é urgente e imprescindível que o teatro ajude a apontar falhas e desanuiar caminhos. E disso não abrimos mão jamais.

Foram muitos os textos de Ribeiro que traduziram a inquietação de nossa sociedade. *Mas que papel, seu bacharel*, de 1979, uma releitura da peça medieval *A farsa do mestre Patélin*, ironizava os abusos da justiça. A injustiça também berrou em *Grito mudo*, de 1986, inspirado no estupro da filha de um deputado acontecido naquele ano: o texto, além de denunciar a violência contra a mulher, encontrou em Bertolt Brecht a resposta para um teatro transformador.

Com *Todomundo*, de 1990, também baseado numa história medieval, Ribeiro discutia o individualismo e a inutilidade do

acúmulo de bens face à morte inevitável. Da mesma forma, *A escada de Jacó*, de 1995, fruto da convivência do autor com a terceira idade, através do Workshop de Interpretação, trazia esse mesmo individualismo, focado agora no egoísmo de uma sociedade que “joga fora” seus idosos, para o âmbito do descaso e da solidão. Vale destacar que o espetáculo recebeu o troféu do júri popular no Festival de São José do Rio Preto.

Premiado também foi o lirismo de *Girança*, considerado o melhor texto nacional inédito na edição de 1986 do mesmo festival. A peça, remontada em 2000, trazia o olhar infantil sobre o êxodo rural causado pela crise do café e a inserção do trabalhador do campo na realidade urbana da Juiz de Fora de então.

Impossível deixar de mencionar *Era sempre 1º de abril e O príncipe Rufião*, de 1990 e 1998, respectivamente. A primeira contava a trajetória de D. Ferrando I, um boneco político manipulado pelos homens de comunicação. O sucesso de público devolveu ao grupo todo o dinheiro que havia sido confiscado pelo governo Collor. Já a segunda trazia à luz as contradições políticas de Fernando Henrique Cardoso, na pele de D. Ferrando II.

Os estilhaços para o governo Lula foram detonados por *A fábula do destino*, que mostrava a humanidade inteira encarnada em Adão e Eva. No fim, pelo menos no palco, a esperança vencia a ganância e o amor era o escolhido para reinar no coração do homem.

Entre tantos outros textos, o que fica sempre é a crítica e a semente lançada para a construção de uma nova realidade, sem “adoráveis canalhas” sempre impunes. E se às vezes a desilusão e a amargura ganham a partida, a voz do autor ecoa, na emergência de mostrar o que lhe faz sangrar o coração para que ninguém transforme nossos sonhos em fumo. E ponto final.

O público fala sobre o Divulgação

“Sem dúvida alguma é o grupo mais empenhado e comprometido com o teatro na cidade e que há 40 anos luta para garantir opções de cultura com qualidade.”

Rafael Kegele Lignani, 21, estudante.

“Muito bom. É uma grande satisfação ter este grupo em minha cidade. Com poucos recursos financeiros faz um teatro com grande criatividade e senso crítico.”

Carlos Augusto Moisés, 24, estudante.

“Muita persistência e coerência com um invejável repertório.”

Lucas Marques do Amaral, 67, professor

“Leva cultura a todos os níveis sociais com seriedade e respeito.”

Rafael Gustavo Bellozi, estudante

“Indispensável à cultura da cidade.”

Maria Alice Alves, 61, aposentada

“O melhor grupo de teatro da região. Atuando com persistência, seriedade e criatividade. Nos emociona a cada peça assistida.”

Walkiria Pires Alvarenga, 48, turismólogo

“Grupo maravilhoso, incentivador e que com certeza faz parte da cultura de Juiz de Fora. Constitui um inexorável patrimônio.”

Danielle Accácia Ferreira, 28, advogada

“Fermento cultural de Juiz de Fora, com 40 anos de idoneidade teatral. Parabéns! E que venham outros 40.”

Marcio Marinho Nogueira, 48, médico

“É um grupo que apesar dos seus 40 anos de trabalho vem sempre nos surpreendendo com a maravilha dos seus espetáculos.”

Édison Assis, 25, militar

“Ícone do teatro amador no Brasil.”

José Pinho, professor

“Grupo que trabalha alimentado pela ideologia, pela ânsia de provocar transformações através da cultura.”

Joana Gonçalves, 25, jornalista

“O grupo divulgação apresenta um papel muito importante para a comunidade, pois divulga cultura e educação, independente de classe social.”

Débora Couto de Assis, 14, estudante

“Quatro décadas promovendo a cultura em nossa cidade.”

Antônio Almeida, 48, advogado.

“Maravilhosa. Engrandece muito a cultura de nossa cidade. Já faz parte das boas coisas da cidade.”

Bianca Reis, 57, advogada

“Coerência, inteligência, amor ao trabalho, fidelidade aos princípios.”

Rogério de Araújo Almeida, 59, empresário

“Uma ótima oportunidade de manter vivo o teatro universitário. Os 40 anos provam que isso continua dando certo.”

Luis Felipe Hauck Salgado, 24, téc. foto e vídeo

“Ótimo grupo teatral que promove peças diferentes do que é comumente visto em nossa cidade, resgatando textos clássicos da dramaturgia.”

André Rubioli da Fonseca, 20, estudante.

“Um grupo de muito talento, inovador e de alto nível intelectual, crítico e literário.”

Marly Almeida Montenegro de Sá, 59, professora aposentada

“Guerreiros que sobrevivem à falta de incentivo cultural.”

Angelina da Silva Guedes, 25, professora

Acima de tudo eficaz

José Eduardo Brum

O processo é simples: faz-se o contato com o professor responsável, marca-se uma data e o teatro é preparado com reservas para receber uma instituição. A expectativa é constante, pois nunca sabemos se uma escola virá ou quantos irão trazer. Nosso trabalho é como o dos catalisadores na química que cuidam para que a reação ocorra o mais rápido possível. Nós, do Escola do Espectador, somos meros indivíduos que unem o objeto a ser atingido e cativado, o público de escolas públicas, com o agente transformador de uma sociedade, o teatro.

Há mais de 20 anos, o projeto Escola do Espectador leva cidadania, resgata valores e propõe discussões perante um grupo que muitas das vezes é excluído do círculo cultural. Embora o dever de atingir a sua aldeia, o seu povo, tenha nascido com o Grupo Divulgação, ele é uma meta do projeto, considerado, em 2006, o melhor na área cultural da UFJF.

O espetáculo teatral apresentado diante de olhos inquietos é considerado efêmero, porém, os questionamentos, reflexões,

benefícios e propostas suscitados após o fechamento da cortina mostram que o poder do teatro não é restrito àqueles minutos vivenciados no escuro. Ao se deparar com aquela realidade fictícia, mas que nem por isso deixa de ser real, o espectador interage, utilizando o riso, as lágrimas, o silêncio, a expectativa e também a bagunça. Qualquer reação exemplifica o alto grau de comunicabilidade atingido por uma arte tão antiga que busca ligar os seres através de uma mensagem.

O processo é simples, antigo, permanente, e acima de tudo eficaz. Ele busca formar espectadores, como o próprio nome diz; no entanto, cidadãos são criados. Com sorrisos nos lábios e paciência no espírito, recebemos aqueles que chegam pela primeira vez ou os que vêm sempre num espaço de diversão e de união feito para refletir. O Escola do Espectador quer que crianças, jovens, adultos e idosos sintam a paixão que move o teatro. Atingido esse ideal, percebemos que algo foi modificado pela esperança de um trabalho que acaba funcionando como uma Escola da Vida.

Centro de Estudos Teatrais Grupo Divulgação

apresenta

ADORÁVEIS CANALHAS uma comédia de maus costumes De José Luiz Ribeiro

Rosa Conceição

Edna Aparecida

Segurado, delegado e aposentado

Segurado e Pedro Henrique

Segurada, escritã, Heloísa e aposentada

Atendente e mulher

Chefe e assaltante

Segurança e caixa

Isabel Cristina

Márcia Falabella

Fátima Amorim

José Eduardo Brum

Gustavo Burla

Tamires Tavares

Rafaela Toldo

Júlio Andrade

Thiago Cobucci

Táscia Souza

Sonotécnica

Programa sonoro

Cartaz

Figurino

Cenário, iluminação,

trilha sonora e direção

Basileu Rodrigo Tavares

Jocemar de Souza

Augusto França

Malu Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Apoio: Adelaine Scalco, Andriara Neder, André Pereira, Anita Cid, Cássia Borges, Cristiane Laia, Eliana Tavares, Franciane Lúcia, Jacqueline Glauber, Juliana Rodrigues, Luciano Torres, Mariana Musse, Marina Pozzolini, Nina Amaral, Renata Lopes, Tiago Vitor, Vanessa Picchett e Virgínia Fonseca.

OUTROS ESPETÁCULOS

| | |
|------------------------------------|----------------------|
| Cancioneiro de Lampião | Nerthan Macedo |
| O urso | Tchekov |
| Bodas de Sangue | Garcia Lorca |
| Electra | Sófocles |
| Diário de um louco | Nicolai Gogol |
| Pequenos burgueses | Máximo Gorki |
| A visita da velha senhora | Dürrenmatt |
| Escola de mulheres | Molière |
| Escorial | Ghelderode |
| Romanceiro da Inconfidência | Cecília Meireles |
| Maria Stuart | Schiller |
| A morta | Oswald de Andrade |
| O patinho torto | Coelho Netto |
| Yerma | Garcia Lorca |
| Seis personagens em busca de autor | Pirandello |
| As criadas | Jean Genet |
| Arlequim servidor de dois amos | Carlo Goldoni |
| Calígula | Albert Camus |
| Guerra mais ou menos santa | Mário Brasini |
| Pedreira das almas | Jorge Andrade |
| Só o faraó tem alma | Silveira Sampaio |
| O beijo no asfalto | Nelson Rodrigues |
| Mas que papel, seu bacharel! | José Luiz Ribeiro |
| O estado de sítio | Albert Camus |
| Boca do inferno | Marcus Vinícius |
| A mandrágora | Maquiavel |
| O rei da vela | Oswald de Andrade |
| Como se fazia um deputado | França Júnior |
| Dr. Getúlio, sua vida e sua glória | Dias Gomes/F. Gullar |
| O jardim das cerejeiras | Tchekhov |
| Esta noite se improvisa | Pirandello |
| O inspetor geral | Nicolai Gogol |

| |
|------------------------------|
| Fausto |
| Girança |
| A casa de Bernarda Alba |
| Grito mudo |
| As aventuras do tio Patinhas |
| A aurora da minha vida |
| Canga |
| O mercador de Veneza |
| O santo milagroso |
| Rasto atrás |
| Era sempre primeiro de abril |
| Todomundo |
| Édipo-Rei |
| O burguês fidalgo |
| Vereda da salvação |
| Il teatro comico |
| Como se come um homem |
| A torre em concurso |
| O homem e o cavalo |
| A escada de Jacó |
| Cervantina |
| O devoto |
| O príncipe rufião |
| Viva a Nau Catarinetas |
| Os ossos do barão |
| Girança (II) |
| O último portal |
| Botanágua |
| A trupe da Paz |
| Senhora na Boca do Lixo |
| Zé das Cova e Dona Morte |
| O Círculo de Giz |
| O canto do cisne |
| A Fábula do Destino |
| Visitando Volpone |
| A Tempestade |
| Adoráveis Canalhas |

| |
|---------------------|
| Goethe |
| José Luiz Ribeiro |
| Garcia Lorca |
| José Luiz Ribeiro |
| Augusto Boal |
| Naum Alves de Souza |
| José Luiz Ribeiro |
| William Shakespeare |
| Lauro César Muniz |
| Jorge Andrade |
| José Luiz Ribeiro |
| José Luiz Ribeiro |
| Sófocles |
| Molière |
| Jorge Andrade |
| Carlo Goldoni |
| S. Mrozek |
| J. Manuel de Macedo |
| Oswald de Andrade |
| José Luiz Ribeiro |
| Miguel de Cervantes |
| José Luiz Ribeiro |
| José Luiz Ribeiro |
| Altamar Pimentel |
| Jorge Andrade |
| José Luiz Ribeiro |
| José Luiz Ribeiro |
| José Luiz Ribeiro |
| José Luiz Ribeiro |
| Jorge Andrade |
| José Luiz Ribeiro |
| Brecht/ Ribeiro |
| Anton Tchekhov |
| José Luiz Ribeiro |
| José Luiz Ribeiro |
| William Shakespeare |
| José Luiz Ribeiro |

AGRADECIMENTOS:

Reitor da UFJF:
Prof. Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 40 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”
Garcia Lorca